

## A fenomenologia peirciana: ciência, um exercício estético?

**Maria Amelia de Carvalho**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Unesp- Marília  
mariamel@marilia.unesp.br

**Resumo:** Podemos contestar o caráter científico da fenomenologia peirciana? Trata-se de uma estética? Abordaremos as questões, de acordo com a perspectiva filosófica de Peirce, na qual o exercício fenomenológico dispensa qualquer aparato teórico.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Ciência. Filosofia. Estética.

*Peirce’s phenomenology: science, an esthetic exercise?*

**Abstract:** *Can we contest the scientific character of Peirce’s phenomenology? It deals with an esthetics? We will deal with the issues, according peirce’s philosophical perspective, in which phenomenological exercise dispenses with any theoretical apparatus.*

**Keywords:** *Phenomenology. Science. Philosophy. Esthetic.*

\* \* \*

### Praticar a fenomenologia peirciana é fazer ciência?

Antes de prosseguirmos nesta questão, vejamos inicialmente o posicionamento de Peirce a respeito da ciência. Tendo em vista duas versões de ciência, que resumidamente podem ser apontadas como uma versão centrada no discurso e outra versão de ciência centrada na conduta, Barbosa da Silveira (2005, p.2) apontou o posicionamento de ciência adotado por Peirce como representando a segunda versão. De acordo com Barbosa da Silveira (2005, p.2) “a segunda versão enfatiza os aspectos estratégicos do procedimento científico: dedica-se a desenvolver a estratégia de abordagem da realidade, a economia da pesquisa e da lógica da descoberta”. A segunda versão também reconhece e acentua o caráter falível do proceder em ciência, leva em conta o estatuto fenomenológico do objeto, e os recursos indutivos de teste das hipóteses.

Na perspectiva de ciência adotada por Peirce, Barbosa da Silveira (2005, p.2) considerou “oportuno definir o fazer Ciência como a estratégia de enfrentar riscos evitando sistematicamente qualquer subterfúgio”. Barbosa da Silveira (2005, p.2) indicou que quando Peirce “identifica ciência com fazer ciência, insere esta atividade no conjunto mais amplo da conduta, aproximando-a de uma ética, da qual participaria conjuntamente com outras atividades, embora a exercesse especificamente pelo rigor com que pretende enfrentar os obstáculos da experiência”. Barbosa da Silveira (2005, p.4) principalmente apontou que “ciência para Peirce, jamais foi exclusivamente à elaboração de teorias altamente abstratas, a ciência é um atributo de toda inteligência capaz de aprender com a experiência”.

Peirce se referiu a uma experiência cotidiana em sua fenomenologia ou, como ele desejou denominar, Faneroscopia. Segundo Peirce (CP-5.50.) “a experiência é nossa única mestra”, pois é através dos fenômenos que tem alguma significação para nós, isto é, através da experiência, que é possível conhecer. Peirce (CP-5.50.) considerou que a experiência por uma espécie de fracionamento precipita e filtra as falsas idéias, eliminando-as e deixando a verdade verter em sua corrente vigorosa. Acerca do conceito peirciano de experiência, Ibrí (1992, p.5) apontou que: “A experiência estatui-se como fator corretivo do pensamento, e esta característica, reconhecida por Peirce, é um dos pilares de toda sua Filosofia”.

Na prática da Filosofia, Peirce considerou que interferem as três categorias fenomenológicas: a primeiridade, a segundidade e a terceiridade. A cada uma delas corresponderá um determinado conjunto de disciplinas. A fenomenologia relaciona-se a categoria de primeiridade:

A Fenomenologia trata das qualidades universais dos fenômenos em seu caráter fenomenal imediato, neles mesmos enquanto fenômenos. Destarte, trata dos Fenômenos em sua Primeiridade. (Peirce, p.198)

O primeiro é aquele que não é condicionado, é o livre. Primeiridade é, portanto, um princípio de liberdade, o acaso. Assim, o princípio do acaso é responsável pela distribuição da diversificação e da assimetria na natureza. E se admitimos que o imprevisível não tem regularidade, se admitimos o acaso, como então fazer ciência? Consideremos a possibilidade de dialogar com o mundo perguntando como ele é, neste caso, poderemos levantar uma hipótese, isto é, delinear uma teoria, mas não há regras, pois o instinto de adivinhar<sup>1</sup> é pura possibilidade, não oferece certeza. Deste modo, primeiramente é preciso saber ver.

Como estudantes de fenomenologia, o que temos a fazer, de acordo com Peirce (CP-5.42) “é ver o que está diante dos olhos, tal como se apresenta sem qualquer interpretação”. De acordo com Ibrí (1992, p.5) essa “faculdade de ver faz-se essencial para experienciar às qualidades do mundo tal qual elas aparecem”.

Ibrí (1992, p. 5) observou que “o mundo fenomenológico, caracterizando-se como indiferenciadamente interior e exterior, exige um olhar despido de qualquer aparato teórico”. O que se requer para a investigação fenomenológica, de acordo com Ibrí (1992, p.11), “é um modo poético de olhar, sem mediações”. Ibrí (1992, p.20) apontou que “a Fenomenologia, como ciência das aparências, muito propriamente pode ser julgada como uma ciência ingênua, dada à simplicidade de suas observações”. Ibrí (1992, p.20) ainda indicou que “talvez se possa contestá-la como ciência, já que este título impregna as mais sofisticadas abstrações e conclusões de cunho lógico”. Todavia, Ibrí (1992, p.20) afirmou que “o caráter científico atribuído por Peirce à pesquisa fenomenológica deve-se à universalidade pretendida pelas categorias da experiência e pelo quesito de que elas podem ser postas à prova por qualquer observador”.

De outro lado, Ibrí (1992, p.20) questionou: “Como se faz uma ciência no interior da qual não subjaz uma lógica?”. Ibrí (1992, p. 20) observou que “esta questão é tratada por Peirce, fazendo com que a relação de dependência seja da segunda para a primeira, isto é, é a lógica que irá buscar seus elementos na Fenomenologia e não o contrário”. Ibrí (1992, p.20) ressaltou que, “como ciência das aparências, a fenomenologia nada afirma sobre o que é nem sobre o que deve ser, prescindindo por isso, de uma lógica que valide seus

argumentos; ela apenas constata e classifica aquilo que está de modo ubíquo diante de toda consciência”.

Podemos entender, segundo Ibri (1992, p.21), que “a Fenomenologia não pretende concluir verdadeiramente nada, a não ser que certas aparências são dadas”. Evidencia-se que a Fenomenologia não pretende ser uma ciência da realidade, já que esta tarefa cabe à Metafísica peirciana. A Fenomenologia peirciana, de acordo com Ibri (1992, p.5), “apenas buscará escrutinar as classes que permeiam toda experiência comum, ficando restrita às suas aparências”.

A Fenomenologia “como ciência das aparências” é uma prática indispensável tanto a um cientista quanto a um artista. Barbosa da Silveira (2005, p.3), considerou que:

“o cientista e o artista em muito se aproximam: ambos criam signos que, representando o objeto, o incorporam ao universo interior de quem os produz, e os inserem no circuito dialogante das mentes capazes de interpretar os signos produzidos. Para o artista, a singularidade do signo fará ressaltar a unicidade do encontro afetivo com o admirável. Para o homem de ciência, é a representação geral dos fenômenos que é procurada, determinando um hábito de conduta voltada para as possíveis experiências futuras com aquela classe geral da qual o objeto experimentado é visto como um exemplar. Joga-se, com pesos diferentes aqueles componentes que, em última análise, configuram uma inteligência capaz de aprender com base na experiência”.

Essa prática indispensável a ambos pode ser considerada como um exercício estético no qual o objeto se impõe ao observador. Segundo Barbosa da Silveira (2005, p. 3), “o objeto produz admiração!” e há nisto “um aspecto fundamentalmente estético: O investigador se empenha em conhecê-lo, a fim de penetrando nesta admirabilidade, satisfazer seu desejo”.

Primeiramente é preciso saber ver, observar sem pensar, isto é, contemplar. Devido à força do hábito somos precipitados em nossas observações, por isso o olhar contemplativo deve ser praticado como um paciente exercício estético de observação espontânea e despreziosa na qual não se pretende concluir nada. Esse exercício estético cabe ressaltar, não deve ser concebido como um dom de artistas ou de cientistas privilegiados, mas sim, como um exercício cabível a todo aquele que por meio da quebra do hábito tem “os olhos da mente abertos”.

O próprio Van Gogh (1997, p.45), um grande gênio da pintura que viveu entre 1853 e 1890, indicou como é “estúpido falar de artistas que sejam dotados ou não”. “Eu tenho paciência” disse o artista com os seguintes comentários: “Eu não sou um artista-como é grosseiro-, mesmo pensá-lo de si próprio-será possível não termos paciência vendo silenciosamente surgir o trigo, crescerem as coisas?” “Seria possível imaginar algo tão absolutamente morto quanto pensar que não podemos sequer crescer?” “Será que pensaríamos em contrariar intencionalmente nosso próprio desenvolvimento?”.

A investigação fenomenológica, entendida como um exercício estético, diz respeito à conduta científica de toda inteligência capaz de aprender com a experiência. Barbosa da Silveira (2005, p.3) observou que “dificultaria inutilmente a compreensão da conduta científica, se nos restringíssemos a considerar somente a prática científica consagrada. Acrescentou porém, Barbosa da Silveira (2005, p.3) “que haverá casos, evidentemente, que somente esta atividade propiciará a ocasião de se observar determinados procedimentos, capacidades e limites do conhecer. Mas para certas características muito básicas da ciência

e para mostrar quão generalizadas e fundamentais elas são, Peirce recorre às experiências do dia a dia e sobre elas reflete”.

Três ciências voltadas à conduta e denominadas por Peirce *Ciências Normativas* seguem-se a Fenomenologia e são caracterizadas pela categoria da segundidade. São elas: a estética, a ética e a lógica ou semiótica. Da estética, Peirce especialmente considerou a noção de espontaneidade e de qualidade de sentimento como a forma primeira de ser e de vivenciar a experiência. Desse modo, antes da interação entre os seres como existentes, anteriormente a uma conduta ética, dá-se uma conduta estética na qual uma relação de afeição os aproxima<sup>2</sup> e os torna amáveis<sup>3</sup> uns aos outros. Mas, pelo espanto daquele que busca conhecer, por meio de uma conduta lógica, importa conhecer os fatos que apresentam regularidade. Contudo, não esqueçamos que da realidade sempre podemos extrair o sonho, a ficção. Por isso, sempre nos dirá o grande poeta Fernando Pessoa, por meio de seu mestre Alberto Caeiro:

Verdade Mentira, certeza, incerteza  
Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.  
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas  
sobre o mais alto dos joelhos cruzados.  
Bem, verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?  
O cego pára na estrada,  
Desliguei as mãos de cima do joelho  
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?  
Qualquer coisa mudou numa parte da realidade  
os meus joelhos e as minhas mãos .  
Qual é a ciência que tem conhecimento para isto?  
o cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos .  
Já não é a mesma hora , nem a mesma gente , nem nada igual .  
Ser real é isto.

### Notas:

[1] A faculdade de conjecturar é apontada por Peirce (CP-7.48) como um de nossos poderes meramente instintivos. Peirce (CP-6.569) refere-se à mente instintiva como a parte da mente que está fora de nosso controle. De acordo com Peirce (CP-5.212) “nossos pensamentos logicamente controlados compõem somente uma pequena parte da mente, a simples florescência de um vasto complexo que podemos denominar mente instintiva”.

[2] Na filosofia de Peirce a aproximação é entendida como um poder de simpatia. Peirce considera o poder de simpatia esta tendência mental que pode ser comunicada a indivíduos que estão em sintonia. Esta tendência pode ser comunicada a indivíduos que estão em conexão simpática... Embora, talvez, eles possam ser intelectualmente incapazes de atingir a idéia através de seu próprio entendimento.

[3] A amabilidade pode ser entendida na filosofia de Peirce como o poder aglutinador do princípio evolucionário do amor. Ver por exemplo em Peirce (CP-5.591), (CP-6.272), (CP-6.270).

### Referências:

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. S.P:

Editora Perspectiva, 1992. (Coleção estudos; v.130).

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Coelho Neto, José Teixeira. (Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

PEIRCE, Charles S . *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Hartshorne, C., Weiss, P. & Burks, A . (eds.). Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-35 e 1958.

SILVEIRA, Lauro F. Barbosa da. *Pensamento Científico e Experiência Cotidiana: uma leitura de Charles Sanders Peirce*. Texto inédito. Marília, SP, 2005.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Ruprecht, Pierre. (Trad.) Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.